

ESCREVER COM A VOZ: A LEITURA EM VOZ ALTA COMO UM COMPARTILHAMENTO DE ESCUTAS

BIANCA DE-ZOTTI¹; HELENE SACCO²;

¹Universidade Federal de Pelotas – biancadezotti26@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – sacco.h@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho está vinculado à pesquisa de mestrado “Inventários do habitar: a leitura e a escrita como formas de sobrevivência do lugar”, na linha de pesquisa Processos de Criação e Poéticas do Cotidiano, do programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Este trabalho propõe abordar a leitura em voz alta como possibilidade de materialidade da palavra, de compartilhamento da escrita, bem como uma proposta de outras experiências e percepções dos espaços.

Para pensar sobre a leitura, a voz, a performatividade da palavra e os modos como a escrita se inscreve no mundo, utilizo como referência poética a performance “Momento Vital”, de Vera Chaves Barcellos. Além disso, respaldam o referencial teórico os autores: Roland Barthes (1987), Nuno Ramos (1993), Valère Novarina (2002), Lucila Pastorello (2010), Suely Rolnik (2014), Michèle Petit (2019) e Leda Maria Martins (2021). Além disso, discorro sobre as experiências geradas a partir da ação de leitura em voz alta da publicação artística “Arranque a pele das coisas que ficaram por dizer”, de minha autoria, que aconteceu em novembro de 2023, a fim de tecer relações entre os modos de pensar sobre a leitura, a voz, a performatividade da palavra e a escrita. Por fim, reitero que a palavra carrega um poder de ação e de transformação em si, possui o potencial de fundar um lugar, um tempo, um ritmo, uma vez que se realiza como ação no momento de sua expressão.

2. METODOLOGIA

Como metodologia utilizo a cartografia que, no campo da arte, auxilia o artista pesquisador a processar suas reflexões e práticas durante o processo de criação, uma vez que os procedimentos cartográficos não são baseados em regras e protocolos precedentes, mas buscam acompanhar um processo. Conforme Suely Rolnik, a cartografia se faz conforme o desmanchamento, a perda de sentido, de certos mundos, e a formação de mundos que se criam para expressar afetos contemporâneos. (ROLNIK, 2014, p. 23). Cartografar, então, é um modo de criação, de invenção do mundo e, por isso, esse percurso metodológico parece encaixar uma peça no quebra-cabeça desta pesquisa: encontrar um método para reinventar o mundo pela palavra.

A palavra, lida em silêncio ou em voz alta, possui o potencial de fundar um lugar, um tempo, um ritmo. Entretanto, a palavra dita em voz alta é redimensionada: torna-se uma ação, pública e compartilhada. A palavra se realiza como ação no momento de sua expressão, por isso carrega um poder de ação e de transformação em si. Quando falamos, conforme Novarina (2002), entramos e saímos de nós mesmos a cada respiração, viajamos para fora do corpo pela voz e, nesse processo, algo é libertado: “no dispêndio da fala, algo de mais vivo que nós se transmite.” (NOVARINA, 2002, p. 14). Roland Barthes se refere a uma escritura em voz alta, transportada pela voz em um misto de timbre e linguagem, cujo objetivo são “os incidentes pulsionais, a linguagem atapetada de pele, um texto onde se possa ouvir o grão da garganta, a pátina das consoantes, a

voluptuosidade das vogais, toda uma estereofonia da carne profunda: a articulação do corpo, da língua, não a do sentido, da linguagem.” (BARTHES, 1987, p.85).

A leitura de um texto impõe um momento de presença que condiz com um tempo específico daquela leitura, uma vez que a escuta acompanha o ritmo daquele que lê. Por exemplo, na performance *Momento Vital* (1979/2013), a artista Vera Chaves Barcellos está sentada atrás de uma mesa e folheia um livro, lendo em voz alta uma narração que trata sobre o momento presente daquela leitura. A cada página virada pela artista, uma nova palavra soma-se à narrativa, desenvolvendo assim uma composição que marca o tempo e o ritmo da leitura. O texto lido é uma reafirmação não apenas do tempo presente, uma vez que reatualiza as palavras ao retomá-las e repetir o texto desde o início, a cada página lida, mas também da presença da artista enquanto lê, já que o texto narra o que ela está vendo e sentindo naquele momento.

Ainda, existe um outro tempo sendo tecido no momento da leitura, um tempo interno que acontece de forma diferente para cada um, “Pois o tempo da leitura não se reduz àquele em que viramos as páginas ou àquele em que ouvimos alguém ler em voz alta. O devaneio e as lembranças de uma leitura fazem parte dela.” (PETIT, 2019, p.50). Dessa forma, a leitura em voz alta também conta com uma escuta em suspensão. Esse tempo interno da escuta implica um desvendamento de sentidos, nos coloca em um estado de abertura e de recepção, que articula o dito e o não dito, as coisas que ficaram por dizer. A escuta da voz nos conduz a um reconhecimento do outro, que pode ser experienciado tanto pela pessoa que lê quanto pela pessoa que escuta, uma vez que ambas estão em uma relação de interlocução, de troca.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

“Arranque a pele das coisas que ficaram por dizer” é uma publicação (Figura 1) que consiste em um bloco de notas com 23 páginas de papel pólen. No processo de criação desse trabalho meu intuito era que o papel pudesse ser arrancado como uma espécie de pele, revelando uma outra camada por baixo. A cada papel arrancado, arranco a pele das palavras, das coisas, do corpo, da casa, da cidade, o que há para ser descoberto? O que é essa camada debaixo da pele das coisas? Para Nuno Ramos (1993), é apenas uma repetição monótona da superfície: “Comecei a arrancar a pele das coisas. Queria ver o que havia debaixo. [...] Por trás de cada pele, portanto, encontrei apenas formas degradadas da pele superficial.” (RAMOS, 1993, p.29). Para que o gesto de arrancar o papel no momento da escrita fosse possível, desenvolvi a publicação no formato de um bloco de notas feito com cola branca. O formato 7x7 cm foi determinado de forma a aproveitar melhor o espaço de uma folha A4.

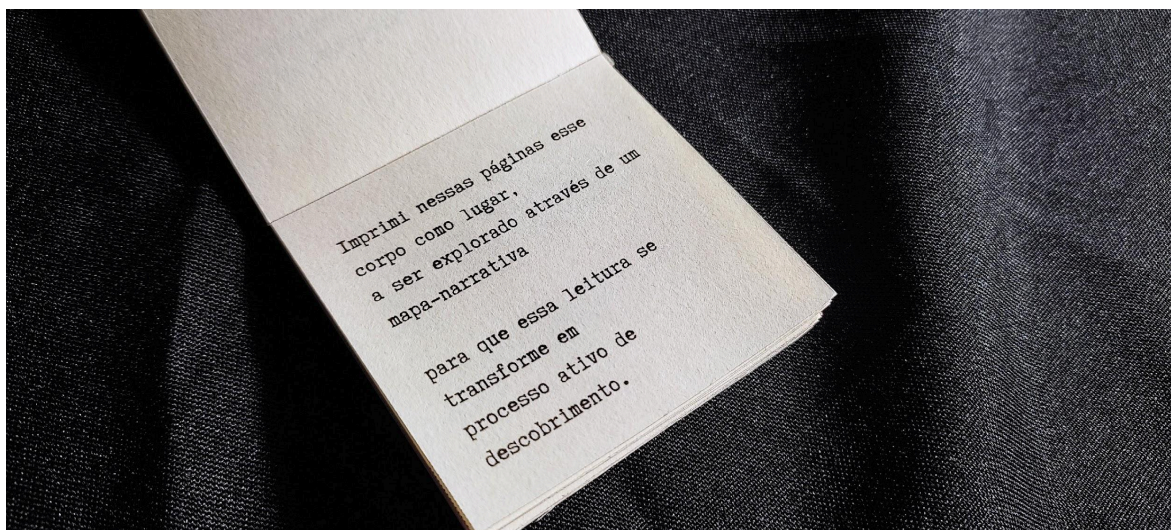


Figura 1. Arranque a pele das coisas que ficaram por dizer, 2023. Publicação, 7x7cm. Pelotas, RS. Fonte: arquivo pessoal da autora.

A escrita e a leitura dos poemas em “Arranque a pele das coisas que ficaram por dizer”, é marcada pelo gesto de arrancar, desvelar, descobrir algo que está oculto. Uma escrita que é enfeitada pelo não dito, que deseja arrancar a pele das coisas para descobrir a outra camada, e a outra, e a outra, e a outra. O texto é pensado como lugar para esse movimento. É uma escrita que aproxima-se da performance e da noção de performatividade, pois é ativada através de uma leitura em voz alta ao mesmo tempo que as folhas do bloco de notas são arrancadas uma a uma (Figura 2).



Figura 2. Leitura performativa do trabalho Arranque a pele das coisas que ficaram por dizer, 2023. FURG.

A leitura do texto “Arranque a pele das coisas que ficaram por dizer” foi realizada no dia 29 de novembro de 2023, no átrio expositivo do prédio do curso de graduação em Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). A leitura fez parte da abertura da exposição coletiva Limiar, organizada pelo Diretório Acadêmico do curso de Artes. O ato de ler em voz alta teve como objetivo um redimensionamento da escrita, explorar não apenas o papel, mas também a voz como suporte do texto, projetar a escrita em movimento, fazer a

palavra dançar, “fazer ressoar em todo movimento um desenho da voz, um prisma de dicções, uma caligrafia rítmica, uma cadência” (MARTINS, 2021, p.59).

Durante a leitura performativa dos poemas do bloco de notas, o gesto de arrancar foi acompanhado pela pausa da voz, o silêncio que, às vezes, se estendia mais, às vezes era mais breve. O texto, que trata sobre a busca por criar um lugar e sobre como transformar o corpo, a casa e a cidade em lugares habitáveis, também inaugura um tempo e espaço únicos através da leitura em voz alta. Esse tempo e espaço da leitura é um convite de visita àqueles que escutavam, de se colocar na pele de outra pessoa e reconhecer no outro os nossos próprios sentimentos, tudo aquilo que nos encanta, nos assombra, intimida, e que pertence a todos. Por isso, a leitura e a escuta conectam o eu com o Outro: “Se a voz é um chamado, uma invocação, a escuta é uma abertura para o outro” (PASTORELLO, 2010, p.71).

4. CONCLUSÕES

O trabalho apresentado tece relações entre o mundo interior e exterior: corpo, casa e cidade. Ao mesmo tempo, é uma cartografia dos modos de habitar os lugares e de como a palavra nos oferece outras formas possíveis de imaginar o mundo ao nosso redor. O trabalho também é marcado pelo desejo de compartilhar a palavra através da voz, de experimentar uma forma de criação que acontece apenas naquele momento único, naquele aqui e agora em que as pessoas se reúnem com um objetivo em comum: agrupar-se em torno da palavra para ouvi-la, assumir uma posição de escuta, de abertura para o mundo e para o outro. Portanto, a ação de leitura em voz alta discutida neste trabalho se encontra no âmbito da resistência dos pequenos gestos, da ação mínima. Performar a palavra, escrever com a voz, ler, escutar, pensar a escrita como forma de criar lugares, aproximar a palavra dos objetos e gestos cotidianos, são ações que compõem um desejo de transformação, uma proposta de alteração na forma de olhar o mundo que nasce de maneira despretensiosa. Por fim, ressalto que as palavras carregam a potência de criação, de aproximação com o outro, de troca e diálogo, de construção coletiva sobre o mundo. A palavra ocupa o espaço da página, e nós ocupamos o espaço do mundo com a nossa voz.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARCELLOS, V. C. **Momento Vital**. Youtube, 2013. Acessado em 23 out. 2024. Online. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=dnl_VJp4zFY&ab_channel=verachavesbarcellos
- BARTHES, R. **O prazer do texto**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987.
- MARTINS, L. **Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.
- NOVARINA, V. Diante da palavra. **Folhetim Teatro do Pequeno Gesto**, Rio de Janeiro, v. 15, n., p. 9-21, 2002.
- PASTORELLO, L.M. **Leitura em voz alta e apropriação da linguagem escrita pela criança**. 2010. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo.
- PETIT, M. **Ler o mundo: Experiências de transmissão cultural nos dias de hoje**. São Paulo: Editora 34, 2019.
- RAMOS, N. **Cujo**. São Paulo: Editora 34, 1993.
- ROLNIK, S. **Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2014.